

O “AFETO DAS PALAVRAS”: PÁTRIA, NAÇÃO E ESTADO EM FERNANDO PESSOA, MÁRIO DE ANDRADE E CECÍLIA MEIRELES

(Lisboa, São Paulo, Rio de Janeiro,
primeira metade do século XX)

DENILSON DE CÁSSIO SILVA*

RESUMO

O texto aborda as ideias de “pátria”, de “nação” e de “Estado”, presentes em escritos de Fernando Pessoa, Mário de Andrade e Cecília Meireles, durante a primeira metade do novecentos. Tem-se o objetivo de problematizar a variação semântica dessas palavras, noções e/ou conceitos. Para tanto, a base teórica dialoga, sobretudo, com a obra “Ensaio Republicano”, do historiador português Fernando Catroga e se respalda em um corpus documental formado por poemas, relatos biográficos e de viagens, crônica e carta. Os procedimentos metodológicos são de cunho qualitativo, integrando uma análise histórico-conceitual e do político. Os resultados apontam proximidades e distanciamentos entre as diversas perspectivas dos escritores e endossam a conclusão de que suas falas encamparam uma luta, a um só tempo, afetiva e angustiante, sobre os significados daquela terminologia.

Palavras-chave: Pátria; Intelectuais; Político.

ABSTRACT

The text deals with the ideas of “homeland”, “nation” and “State”, present in the writings of Fernando Pessoa, Mário de Andrade and Cecilia Meireles, during the first half of the nine hundred. The objective is to problematize the semantic variation of these words, notions and / or concepts. In order to do so, the theoretical basis is mainly related to the work “Ensaio Republicano”, by the Portuguese historian Fernando Catroga and it is based on a documentary corpus formed by poems, biographical and travel reports, chronicle and letter. The methodological procedures are qualitative, integrating a historical-conceptual and political analysis. The results point out proximities and distances between the different perspectives of the writers and endorse the conclusion that their speech have assumed a struggle over, at the same time, pleasurable and distressing, about the meanings of that terminology.

Keywords: Homeland; Intellectuals; Political.

*Doutorando em História e Culturas Políticas junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professor efetivo de História do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET MG – Campus I - Unidade Belo Horizonte. E-mail: denicult@hotmail.com

Introdução

As experiências e as expectativas de significativa parcela da humanidade têm se relacionado com as noções de “pátria”, de “nação” e de “Estado”. Especialmente, no que concerne ao mundo moderno-contemporâneo, tais ideias tiveram influência tanto na vida política e econômica, quanto na social e cultural. Durante a primeira metade do século XX, esses conceitos e seus derivados – patriotismo, nacionalismo, estatismo – constituíram a base de discursos e de ações, vinculados a processos de elaboração de identidades, de imperialismo, de guerras locais, regionais e mundiais, de revoluções, de pacifismo, de totalitarismo.

Diante da patente relevância do assunto, compreende-se o interesse que o mesmo desperta em numerosos estudiosos. A vastidão da bibliografia afim permite vislumbrar muitos dos aspectos fundamentais dos fenômenos em pauta, cuja complexidade, por sua vez, escapa a um enquadramento rígido da compreensão de suas manifestações¹. Por isso, novas contribuições amiúde são produzidas para retomar, redimensionar e/ou reformular o debate. A partir desse intuito lato, de participar e de incrementar as discussões acadêmico-científicas em torno do referido tema, o presente texto visa, especificamente, analisar o problema da variação de significados ou da polissemia dos termos “pátria”, “nação” e “Estado”. Trata-se, antes de tudo, de um exercício de exploração histórico-conceitual, voltado para a sondagem de indagações, de hipóteses e de caminhos investigativos mais do que para a lapidação de respostas peremptórias ou exaustivas.

O recorte cronológico atém-se à primeira metade do século XX, um período imbuído de clivagens político-ideológicas e estéticas, propícias a revelar convergências e divergências em torno dos sentidos daquela terminologia. O limite espacial, às cidades de Lisboa, de São Paulo e do Rio de Janeiro, três dos principais centros políticos e culturais do mundo luso-brasileiro. Em uma realidade tão dinâmica, às voltas com embates entre tradição e modernidade, chauvinismo e universalismo, provincialismo e cosmopolitismo, muitos foram os intelectuais² que pensaram, sentiram e se exprimiram sobre a condição de pertença a uma coletividade, pré-nacional ou nacional. Dentre eles podem ser destacados Fernando Pessoa (1888-1935), poeta modernista português³, Mário de Andrade (1893-1945), figura de proa da vanguarda modernista no Brasil⁴, e Cecília Meireles (1901-1964), poetisa, educadora e cronista brasileira⁵.

1 Ver, por exemplo, as seguintes obras, que também embasam as afirmações do parágrafo anterior: ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexão sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. CATROGA, Fernando. *Ensaio Respublicano*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2011. HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito, realidade*. Tradução Maria Celia Paoli; Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. LIMONCIC, Flávio & MARTINHO, Carlos P. (orgs.). *A experiência autoritária: identidades e conceitos de nação na África, Ásia Europa e nas Américas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. NANZ, Patrícia. *Europolis: Constitutional patriotism beyond the nation state*. Manchester: Manchester University Press, 2006. NUSSBAUM, Martha C. *Los límites del patriotismo: identidad, pertinencia y "ciudadanía mundial"*. Barcelona: Paidós, 1999. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990. ROLLEMBERG, Denise & QUADRAT, Samantha V. (orgs.). *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX - Europa; Ásia e África; América*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. Vols. 1, 2 e 3. 2 Sobre o conceito de “intelectuais”, seguimos a ideia de Jean-François Sirinelli, que propõe “uma definição de geometria variável, mas baseada em invariantes”. Considera-se a aceção “ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, [...] tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito”. SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. *Por uma História Política*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.242.

3 PESSOA, Fernando. *Poemas de Alberto Carneiro*. Porto Alegre: L&PM, 2007. PESSOA, Fernando. Nota biográfica. In: Casa Fernando Pessoa. Disponível em <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/> Acesso em 19 mai. 2017. TUTIKIAN, Jane. Sobre Fernando Pessoa. In: PESSOA, *op. cit.*, p.7-28.

4 ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. Editora Itatiaia, 2002. BOTELHO, André. *De olho em Mário de Andrade: uma descoberta intelectual e sentimental do Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

5 LÔBO, Yolanda. Cecília Meireles. Recife: Fund. Joaquim Nabuco, 2010. MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*.

Para compor o alicerce empírico do estudo foram selecionados escritos desses autores, que abarcaram e descortinaram o caráter multifacetado e as ambiguidades das imagens de "pátria", "nação" e "Estado"⁶. Essa escolha documental não implica em fazer um uso meramente instrumental de tais textos, os quais, como se verá, incorporam diferentes gêneros literários, como poesia, relato pessoal, crônica e epístola. Concebe-se a linguagem como uma criação encadeada às dimensões política e social sendo, ao mesmo tempo, dotada de regras próprias de funcionamento. Tais regras, embora pertençam à alçada do linguista e escapem aos objetivos e à competência do presente artigo, são aqui consideradas em sua conexão com a construção do discurso e sua busca por validação⁷.

Partindo-se desse pressuposto teórico é que se tem a ênfase no fenômeno do político, campo entendido como "o lugar em que se entrelaçam os múltiplos fios da vida dos homens e mulheres; aquilo que confere um quadro geral a seus discursos e ações", remetendo "à existência de uma 'sociedade' que, aos olhos de seus partícipes, aparece como um todo dotado de sentido"⁸. Segundo Pierre Rosanvallon, o conceito de político, além de um "campo", é também um "trabalho", que

qualifica o processo pelo qual um agrupamento humano, que em si não passa de mera 'população', adquire progressivamente as características de uma verdadeira comunidade. Ela se constitui graças ao processo sempre conflituoso de elaboração de regras explícitas ou implícitas acerca do participável e do compartilhável, que dão forma à vida da *polis*⁹.

Sob essa chave interpretativa, o trabalho, a seguir, foi dividido em quatro partes. Metodologicamente, a primeira tateia as noções de "pátria", "nação" e "Estado" com fulcro

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Vols. 1 e 2. MEIRELES, Cecília. Crônicas de educação. Apresentação e planejamento editorial de Leogedário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Vols. 1 a 5. 6 Visando tornar mais fluente a problematização proposta, optou-se por utilizar, juntamente com o vocábulo "conceito", os termos "ideias" e "noções" – que proporcionam maior elasticidade tanto à operação historiográfica quanto à observação do presente do passado, da imprevisibilidade vivida pelos que nos antecederam. Não se pretende, com isso, resvalar em nenhum esvaziamento teórico. Pelo contrário. Tem-se claro que "[...] Embora o conceito também esteja associado à palavra, ele é mais do que uma palavra: uma palavra se torna um conceito se a totalidade das circunstâncias político-sociais e empíricas, nas quais e pelas quais essa palavra é usada, se agrega a ela." KOSELLECK, Reinhart. "História dos conceitos e história social" In: _____. *Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma P. Maas; Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p.109. Desse ângulo, compreende-se que os vocábulos "pátria", "nação" e "Estado", além de "noções" e "ideias", constituem também conceitos, que, de diferentes modos, orientaram o historiador e os protagonistas da história ora perquirida. 7 Reinhart Koselleck, ao enfatizar a irredutibilidade da história à linguagem, pondera: "[...] Sem dúvida, para serem eficazes, quase todos os elementos extralinguísticos dos acontecimentos, os dados naturais e materiais, as instituições e os comportamentos, dependem da mediação da linguagem. Mas não se restringem a ela. As estruturas pré-linguísticas e a comunicação linguística, graças à qual os acontecimentos existem, permanecem entrelaçados, embora jamais coincidam diretamente". Já Luiz Costa Lima, chamando mais a atenção para as limitações de análises de caráter sociológico, assinala: "[...] Não levar em conta a existência dessa dupla ordem de regras [dos fenômenos sociais e políticos e dos processos linguísticos] levará ao reducionismo socializante ou [...] ao reducionismo formalizante". Cabe considerar, assim, de um ponto de vista historiográfico, o entrelaçamento entre a história e a linguagem, priorizando a primeira, sem, contudo, simplificar ou subestimar os elementos linguístico-comunicativos, inerentes à experiência intelectual, artística e política. Respectivamente, ver: KOSELLECK, Reinhart. *Idem*, p.267. LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p.664. Desse modo, não se intenta, por ora, adentrar o debate alusivo às distintas correntes da teoria da literatura, tais como o *New Criticism*, o estruturalismo, as estéticas da recepção e do efeito, a estilística e o formalismo russo. Sobre essas vertentes, conferir: LIMA, Luiz Costa. *Idem*. SOUZA, Roberto Acizelo. *História da Literatura: trajetória, fundamentos, problemas*. São Paulo: É Realizações, 2014. Para uma discussão acerca da interpretação dos significados dos textos – ademais, atividade fundamental para as humanidades e as ciências sociais – ver: ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. Trad. Martins Fontes. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. Sobre as características do fenômeno discursivo, ver: BENETTI, Márcia. Discurso. In: FILHO, Ciro Marcondes (Org.). *Dicionário de comunicação*. 2ª edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2009, p.141-142. 8 ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. Tradução Christian Edward Cyril Lynch. São Paulo: Alameda, 2010, p.71-72. 9 *Idem*, p.72.

em um ensaio do historiador português Fernando Catroga. Na sequência, por meio das considerações propugnadas por Catroga, analisam-se as vozes poéticas de Fernando Pessoa, de Mário de Andrade e de Cecília Meireles, cruzando-as, com o fito de desvelar as tensões incrustadas na polissemia, com textos em prosa, próximos de um sentido denotativo.

“Pátria”, “Nação” e “Estado” ou o “afeto das palavras”

Autor de volumosa obra sobre temas como secularização e laicidade, memória e história, república e republicanismo, liturgias e ritualizações¹⁰, Fernando Catroga também dissertou acerca das noções de pátria, nação e Estado. Em “O Afeto das Palavras”, primeiro capítulo do livro intitulado “Ensaio Respublicano”¹¹, apoiado em variadas referências, o autor discute etimológica e semanticamente aqueles termos, destacando uma diferenciação entre os mesmos no que tange à mobilização de emoções e de sentimentos¹².

Conforme Catroga, em uma escala térmico-afetiva, a palavra “pátria” seria “quente”, destacando-se das demais por seu poder de invocação e de convocação; o termo “Estado”, “frio”, constituiria o outro polo, por sugerir uma ideia de organização institucional com base em aspectos técnico-jurídicos, a exemplo do monopólio da violência e do direito. A instância mediadora entre a passionalidade patriótica e a impassibilidade estatal, identificar-se-ia com a palavra “nação”, “morna”, vista como uma organicidade espontânea, portadora de um *ethos* ou uma essência, e/ou como uma construção política, mais ou menos voluntarista.

Catroga busca questionar a historicidade das palavras, a “evolução semântica dos vocábulos”, seus “encontros e reencontros no decurso dos séculos”¹³. Essa operação está concatenada a uma postura epistemológica que recusa tanto o empirismo estreito quanto a abstração de historicismos e se põe a problematizar os fundamentos sobre os quais se assenta a validação do conhecimento historiográfico.

Cabe, pois, indagar: como essas noções interagiram e se relacionaram com os “múltiplos fios da vida”¹⁴? Como foram verbalizadas? Tal qual um lampejo em meio à penumbra, na encruzilhada entre os possíveis extremos da generalização terminológica e da contingência de singularidades, os escritos de Fernando Pessoa, de Mário de Andrade e de Cecília Meireles, proporcionam um vislumbre sobre o cipoal de sentimentos e de perspectivas político-culturais, envoltos pelas palavras “pátria”, “nação” e “Estado”.

Esses artistas tinham o idioma pátrio-português em comum e foram contemporâneos entre si, produzindo suas obras na primeira metade do século XX. Tal aspecto permitirá especular sobre as possíveis variações semânticas dos vocábulos naquele contexto e as inquietações inerentes ao processo histórico.

10 CATROGA, Fernando. Entre Deuses e Césares: secularização, laicidade e religião civil. Uma perspectiva histórica. Coimbra: Almedina, 2006. _____. Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história. Coimbra: Almedina, 2009. MARCELINO, Douglas Atilla. “Culto cívico dos mortos e escrita da história: reflexões sobre a obra de Fernando Catroga”, *Anos 90*, Porto Alegre, v. 23, n. 44, p.297-323, dez. 2016.

11 CATROGA, *op. cit.*

12 Concebe-se a ideia de “emoção” como um fenômeno multidimensional – subjetivo, biológico, social – que antecede e estimula o “sentimento”, entendido como uma resposta a determinada emoção. Para uma síntese a esse respeito, ver: CEZAR, Adielton Tavares & JUCÁ-VASCONCELOS, Helena Pinheiro. “Diferenciando sensações, sentimento e emoções: uma articulação com a abordagem gestáltica”, *Revista IGT na Rede*, v.13, nº 24, p. 4-14, 2016. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs/> Acesso em mar. 2017.

13 CATROGA, *op. cit.*, p.9.

14 ROSANVALLON, *op. cit.*, p.72.

Fernando Pessoa, Alberto Caeiro: um "Patriotismo Aldeão"?

Sob o heterônimo de Alberto Caeiro, personagem que, embora nascido em Lisboa, passara quase toda sua vida no campo, Fernando Pessoa, de 1911 a 1914, reuniu uma série de 49 composições sob o título de "O guardador de rebanhos". No sétimo poema, lê-se:

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...¹⁵.

Nesses versos, nota-se que o sentimento de pertença a um espaço – a aldeia – é o eixo através do qual Caeiro formula sua visão de mundo. Além disso, parece haver uma apropriação, uma defesa terna de sua ("minha") terra, que não seria inferior a nenhuma outra e forneceria a seu morador a experiência de uma percepção mais autêntica da realidade.

A despeito de não se referir explicitamente ao termo "pátria", a relação do personagem com sua aldeia evoca elementos que remetem à vivência de uma espécie de patriotismo aldeão, pois "[...] se *patris* invocava os 'pais', também remetia para o solo, sugerindo a existência de uma proximidade íntima, identitária, afectiva, entre o habitante e sua terra uterina, nó amiúde descrito em termos femininos"¹⁶. A pátria emergiria também como mátria, matriz, acolhedora de seus "filhos", "com-patriotas", formadores de uma *fratria*. Em Alberto Caeiro, esse processo mais generalizado de "irmanação", que caracterizaria a moderna ideia de "nação", encontrar-se-ia ainda delimitado pelas fronteiras tribais ou locais, as quais, entretanto, já avistavam e interpretavam o mundo externo à aldeia:

Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem
[dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver¹⁷.

Essa passagem - portadora de linguagem direta e, existencialmente, densa, à maneira do personagem Caeiro - indica que um poeta lisboeta dos albores do *novecentos* enxergava ou imaginava o amálgama de sentimentos e de significados que retesavam o anseio dos detentores do poder em investir na estruturação de um patriotismo nacional. Por meio da educação, da propaganda e da repressão, lapidando-se uma "religião civil", saturada de símbolos nacionais, heróis e ritos, os ocupantes do poder político procuravam "[...] não só consensualizar o múltiplo, como diminuir o conflito e 'destribalizar' os sentimentos pátrios,

15 PESSOA, *op. cit.*, p.43.

16 CATROGA, *op. cit.*, p.11. À página 13, o autor ressalta ainda o uso corrente de designações como "pátria chica", "terra", "chão", "terruão", "Heimat" e "homeland", que "ajudam a compreender" a sobrevivência de um "afeiçoamento pátrio", associado a "um tempo e um espaço concretos" com função de "enraizar, fillar e criar identidades, demarcando diferenças e prometendo destinos históricos [...]". Grifos originais.

17 PESSOA, *op.cit.*, p.44.

o que, em muitos casos, fez do almejado *patriotismo nacional* um *patriotismo de Estado*¹⁸.

Em março de 1935, em uma nota biográfica, despojada de heterônimos e da flexão poética, Fernando Pessoa autodenominou sua “posição patriótica”:

Partidário de um nacionalismo místico, de onde seja abolida toda a infiltração católico-romana, criando-se, se possível for, um sebastianismo novo, que a substitua espiritualmente, se é que no catolicismo português houve alguma vez espiritualidade. Nacionalista que se guia por este lema: Tudo pela Humanidade; nada contra a Nação¹⁹.

O patriotismo surge, nessa fala, entranhado pela imagem de um “nacionalismo místico”, de verve espiritualista, e tenta conciliar os feitos, possivelmente, contrastantes das ideias de “Humanidade” – universal – e de “Nação” – delimitada. Sendo o mesmo, Fernando Pessoa mostrava-se vário ao se recriar como aldeão lisboeta em Caieiro e como nacionalista português.

Cruzando-se o Atlântico, em São Paulo, Brasil, outro poeta daria enfoque diverso ao entendimento sobre a ideia de “pátria”.

Mário de Andrade: “Brasil... Mastigado na gostosura quente do amendoim...”

Em 1921, Mário de Andrade dedicou a seu interlocutor, o poeta, cronista e contista mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), os versos de “O poeta come amendoim”²⁰. Passados dois anos de um dos mais significativos marcos do modernismo brasileiro, a Semana de Arte Moderna de São Paulo, Mário de Andrade retomava um dos eixos temáticos caro àquele movimento, a saber: o problema da identidade nacional ou da pátria²¹. Em suas palavras:

Brasil amado não porque seja minha pátria,
Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde Deus der...
Brasil que eu amo porque é o ritmo do meu braço aventureiro,
O gosto dos meus descansos,
O balanço das minhas cantigas amores e danças.

18 CATROGA, *op. cit.*, p. 20. Grifo original. Eric Hobsbawm, em obra de 1990, ao avaliar o que denomina de “protonacionalismo popular”, argumenta que “[...] em muitas partes do mundo, os Estados e os movimentos nacionais podem mobilizar certas variantes do sentimento de vínculo coletivo já existente e podem operar potencialmente, dessa forma, na escala macropolítica que se ajustaria às nações e aos Estados modernos.” HOBBSAWM, *op.cit.*, p.63. O historiador britânico reconhece o desafio de se descobrir “os sentimentos das pessoas não alfabetizadas que formavam a maioria absoluta da população mundial antes do século XX.” (p. 65). Entende-se que um dos possíveis procedimentos capazes de minorar tal dificuldade seria levar em conta os traços etimológico-semânticos de vocábulos que perpassam o fenômeno histórico em pauta, em especial, os de “pátria”, “nação” e “Estado”. O ensaio de Fernando Catroga, assim, incrementa o diagnóstico de Hobsbawm, o qual, ao focalizar o mundo contemporâneo, não vasculha palavras, ideias e significados mais remotos e arraigados. Vale ressaltar, sobretudo, a hipótese de que a ideia de “pátria” precede às de “nação” e “Estado”. Para robustecer essa cogitação, Catroga vale-se de pensadores da Antiguidade greco-romana, a exemplo de Homero – “*patris*, terra dos pais” - Cícero – “pátria, mãe comum de todos nós” – Horácio – “Doce e honroso é morrer pela pátria” – e Esquilo – “Avante filhos dos Gregos, libertai a vossa Pátria [...]!”. (p.11-12).
19 PESSOA, Fernando. *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. Disponível em <http://casaferrandopessoa.cm-lisboa.pt/> Acesso em 12 fev. 2017.

20 Para uma leitura morfológico-sintática da recepção/apropriação do discurso poético, ver: FERNANDEZ, Sonia L.G.O. *O poeta come amendoim: considerações sobre semiótica poética*. Letras, Santa Maria, v.20, n.41, p.101-118, jul./dez.2010.
21 Sobre a Semana de Arte Moderna - ocorrida em fevereiro de 1922, nas dependências do Teatro Municipal de São Paulo – e seus desdobramentos, ver: ANDRADE, Mário de. O movimento modernista. In: ____ *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. Editora Itatiaia, 2002, p. 253-280. BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

Brasil que eu sou porque é a minha expressão muito engraçada,
Porque é o meu sentimento pachorrento,
Porque é o meu jeito de ganhar dinheiro, de comer e de dormir²².

Diferentemente de Alberto Caieiro, Mário de Andrade, nesse texto, não enfatiza a relação com o território ou a paisagem, chegando a subestimar tal fator para a formulação de uma comunidade de sentido, nacional. A dimensão do "onde" se vive e se estabelece o que se poderia denominar de "família alargada", seria obra do acaso, ligada ao imponderável de migrações e de condições materiais para sobrevivência. As razões para o poeta sentir-se parte dessa comunidade de herança e de destino, identificada como Brasil, seriam de ordem cultural, relacionadas com emoções, padrões de comportamento e costumes, retratadas como experiências piores de certa essência ou naturalidade, consciente ou não. Nessa direção, repare-se que as características da identidade nacional avultam-se por meio do emprego do verbo "ser" e, não, por exemplo, de verbos como "formar", "transformar" ou "estar", que poderiam insinuar uma perspectiva construtivista de nação. O poeta, amante do Brasil - autorreferenciando-se como nacional, brasileiro ("Brasil que eu sou") - o faz porque "é o ritmo...", "é a minha expressão...", "é o meu sentimento...", "é o meu jeito...". Uma vez "sendo", não poderia "não ser" ou "deixar de ser", caso contrário, se perderia um dos predicados da nacionalidade, do vínculo filial à pátria-mãe, aqui também subjetivada pelo pronome possessivo "minha".

Nesse poema, o processo de elaboração de um "patriotismo nacional" mostra-se deveras mais avançado do que naquele de "O guardador de rebanhos". Todavia, o passado e o "tribalismo", sob a ingerência de uma suposta homogeneidade pátrio-nacional, igualmente se fazem presentes e revelam a existência de camadas semânticas, que, no torvelinho da modernidade e da modernização, interagem e produzem novas sínteses. O Brasil, experimentado na "gostosura quente do amendoim"²³, traria em seu bojo "os tempos de antes de eu nascer...", "os mulatos", "o Imperador", os "Caramurus", "os escravos", a chegada da "República temporã"²⁴. O referido poema será publicado em livro, pela primeira vez, no ano de 1927, em "Clã do Jaboti", título "tribal" que também remete às sobreposições temporais e afetivas formadoras da noção de pátria-nação apreciada, re-memorada e co-memorada²⁵.

Seria, similarmente, imaginada, como se depreende do poema "Descobrimiento", outra pérola de "Clã do Jaboti":

Abançado à escrivantina em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De supetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei que lá no norte, meu Deus! muito longe de mim,

22 ANDRADE, *op. cit.*, 2013, p.209.

23 Assim como o eu-lírico de Alberto Caieiro, o de Mário de Andrade valeu-se da imagem de uma sensação, brotada de sentidos do corpo humano, para expressar sua relação com a "aldeia" ou a "pátria". Na dicção do primeiro, ressalta-se a visão. Na do segundo, o paladar. Sob esse prisma, o sujeito poético manteria um elo simbolicamente "corpóreo" com o "húmus" "patriótico".

24 ANDRADE, *idem*, p.207-208. Esses termos e expressões compõem a primeira parte do poema, que denuncia o acirramento da emocionalidade na segunda parte, supracitada. Ver: FERNANDEZ, Sonia I. G. *O poeta come amendoim*.

25 CATROGA, *op. cit.*, p.13.

Na escuridão ativa da noite que caiu
Um homem pálido, magro, de cabelo escorrendo nos olhos,
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu...²⁶

Dedicado a Ronald de Carvalho (1893-1935), poeta e ensaísta carioca, o texto destaca a concepção de uma camaradagem horizontal, que, para além de idiossincrasias e de desigualdades sociais, políticas, econômicas e culturais, aproxima, nivela e une todos os integrantes da pátria, iguais em sua nacionalidade. Segundo André Botelho, “as ideias transmitidas por vias impressas possibilitam um tipo de identificação subjetiva especial por parte do leitor como pertencente a uma ‘comunidade de sentimento’²⁷. Mário de Andrade, assim, “acaba por sugerir claramente o papel social das representações ideais na construção de novos conjuntos de valores sociais e, assim, de padrões de solidariedade de tipo nacional independentes dos contatos físicos entre seus membros”²⁸.

Em obra fundamental - inicialmente publicada em 1983 - sobre esse processo de idealização, Benedict Anderson definiu “nação” como uma “comunidade política imaginada”, “porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles”²⁹. Mário de Andrade vivia as contradições de seu período e, em meio a incertezas, apostava em um juízo de brasilidade, que parecia remontar às raízes etimológico-semânticas de “pátria” - “terra dos pais”, comunhão de tempo e de espaço - e “nação” - “*natio*”, “nascimento” - em oposição a entendimentos mais propensos ao radicalismo de cariz homogeneizante³⁰. Em viagem feita ao nordeste, de Natal, escreveu um texto, datado de 25 de dezembro de 1928, em que narrava:

Conversei muito com dona Branca e isso me deixa feliz. Dona Branca é paulista e creio mesmo que minha parenta longe, pois nasceu em Toledo Piza. É dona de prestígio na sociedade natalense e fala com essa nossa calma que os nordestinos, mais inquietos, acham que é cantiga.

Dona Branca honra bem São Paulo aqui, com o seu jeito raçado de mover-se e conversar. E, que nem eu, se esquece de que é paulista. Aliás, os brasileiros no geral dão ao paulista uma personalidade tão definida que, apesar de injusta, nos glorifica inda mais porque faz dos paulistas a única gente bem característica, bem inconfundível do Brasil. Infelizmente não temos tamanha caracterização. Nosso orgulho, nossa independência e altivez, nosso sentimento organizado de pátria... estadual, nosso desprezo pelo alheio, dedicação ao trabalho, conceito fechado de família, segura de trato etc. etc., tudo isso é falso. Uma das experiências comicamente dolorosas de minha vida é perguntar a quem me fala no bairrismo orgulhento dos paulistas:

- E o senhor donde que é?

O indivíduo se enfuna todo pra dizer, por exemplo:

- Ah! eu sou sergipano!

26 ANDRADE, *op. cit.*, p.287.

27 BOTELHO, *op. cit.*, p.78.

28 *Idem*, p.78.

29 ANDERSON, *op. cit.*, p.32.

30 Nesse sentido, a posição de Mário de Andrade parecia, de alguma forma, diferir-se tanto da ala nacionalista modernista, atrelada ao primitivismo e ao verde-amarelismo, quanto da vertente universalista de tônica neo-simbolista. Sobre essas tendências, ver: BOSI, *op. cit.*

Fico meio circuncisfláutico com esses bairrismos, palavra. Não compreendo nem os pernambucanos, nem os paulistas nem ninguém que seja assim. Aliás, não compreendo nem mesmo os patriotas, já se sabe disso. Tristão de Athayde outro dia falava que apesar de eu ter chegado a uma certa expressão da entidade nacional, tinha uma singular incompreensão política do Brasil. Acho que errou. Já tive compreensão política de pátria mas a ultrapassei. Graças a Deus. Pátria pra mim é que nem as classes sociais: uma camisa de força que muitos vestem por... digamos que por prazer³¹.

Pouco depois, em fevereiro de 1929, na capital da Paraíba, anotou:

Brasil é uma gostosura de se viver. Vai mal? Acho que vai. Acho que vai e sofre. Porém sofrimento jamais perturbou felicidade, penso muito nos meus sofrimentos de brasileiro e eles fazem parte da minha felicidade do mundo. Que eu tivesse de escolher uma pátria decerto não escolhia o Brasil não, eu, homem sem pátria graças a Deus. Tenho vergonha de ser brasileiro... Mas estou satisfeito de viver no Brasil... O Brasil é feio mas gostoso³².

É preciso cautela para se aquilatar os sentidos de tais trechos. Mário de Andrade, que, em 1924, já empreendera uma “caravana modernista” por Minas Gerais e, em 1927, uma viagem pela região norte, em 1928-29 excursionava pelo nordeste, com o mesmo intuito de conhecer o Brasil e realizar um espécie de pesquisa prática, de trabalho de campo. À altura em que foram escritos os textos em pauta, já tomara contato com uma realidade crua, feita de uma miríade de belezas naturais, culturais e humanas, mas também grassada por formalidades ocas, por relações de poder e de exploração, por situações de sofrimento e de miséria. Mário de Andrade, diante desse cenário, recusava-se a aceitar passivamente a política oficial, promotora de concepções de patriotismo e de nacionalismo pretensamente harmônicas e coerentes³³, de glorificação talvez ingênua dos atributos nacionais.

O evidente desconforto causado pela vivência de se identificar como parte da pátria-nação, uma espécie de “segunda natureza” da pessoa³⁴, indica que Mário de Andrade, *pari passu*, comprazia-se e se atormentava em “ser” brasileiro, em cultivar laços de pertença e de lealdade crítica com o “seu” Brasil. Como visto, tal impasse também foi vivido por Fernando Pessoa junto à capital lusitana. Na então capital brasileira, por seu turno, Cecília Meireles participaria desse enredo e traduziria de forma própria tal experiência e seu “horizonte de expectativa”³⁵.

Cecília Meireles: “Que tristeza, ter Pátria!”

31 ANDRADE, Mário. *O turista aprendiz*. Brasília, DF: Iphan, 2015, p.290.

32 *Idem*, p.352.

33 Em meio à pluralidade de pontos de vista, em diferentes círculos intelectuais, sobre as concepções de pátria e de nação, Mário de Andrade postulava uma perspectiva distinta, por exemplo, daquela endossada pelo nacionalismo católico do citado Tristão de Athayde, pseudônimo literário de Alceu Amoroso Lima. Sobre esse intelectual e as nuances de sua visão de mundo na primeira metade do novecentos, ver: TOLENTINO, Thiago Lenine Tito. *Do ceticismo aos extremos: cultura intelectual brasileira nos escritos de Tristão de Athayde (1916-1928)*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Outro tipo de nacionalismo, integrante da disputa pela interpretação do Brasil do período, é aquele de silhueta ufanista, de apologia à natureza e ao povo brasileiros. Conferir: CERQUEIRA, Erika Moraes. *Habitar o passado: Gustavo Barros e o seu tempo*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

34 Nas palavras de Cynthia Greive Veiga, “[...] A ideia de ser cidadão de direitos e deveres e de formar uma nação livre e independente foi algo que, no discurso da modernidade, deveria ser inerente à condição de identidade de qualquer sujeito individual, algo como uma segunda natureza.” VEIGA, Cynthia Greive. “História Política e História da Educação” In: VEIGA, Cynthia Greive & FONSECA, Thais Nívia de Lima. *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.39.

35 KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas” In: _____, *op. cit.*, p.305-328.

O século XX, além de abarcar traços plurais, que complexificaram os conceitos de pátria e de nação, testemunhou a distopia dos derivados terminológicos, patriotismo e nacionalismo. Já nos finais do século XIX, “o campo semântico de *'nationalisme'* cresceu sob o impulso das ideologias expansionistas dos Estados, bem como a doutrinação de tradicionalistas e contra-revolucionários [...]”³⁶. Seja na França, na Grã-Bretanha ou na Alemanha, tais palavras estarão na raiz das justificações da devastação promovida durante a Grande Guerra (1914-1918)³⁷. Não por acaso, após esse conflito, o movimento pacifista parece ter recobrado o fôlego e, por meio de uma concepção humanística, ligada a ideias de cosmopolitismo e de cooperação, repudiou o patriotismo guerreiro e o nacionalismo chauvinista³⁸.

Confrontada com essa realidade ³⁹, em finais da década de 1920, Cecília Meireles sinalizava simpatia por uma ética e uma estética de tônica universalista e cosmopolita⁴⁰. Em obra de 1927, intitulada “Cânticos” - publicada, postumamente, em 1981 - dentre os 27 poemas, lê-se no primeiro:

Cântico

I

Não queiras ter Pátria,
Não dívidas a Terra.
Não dívidas o Céu.
Não arranques pedaços do mar.
Não queiras ter.
Nasce bem alto,
Que as coisas todas serão tuas.
Que alcançará todos os horizontes.

36 CATROGA, op. cit., p.22.

37 SONDBAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial*. Trad. Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Contexto, 2015.

38 EINSTEIN, Albert. *Como vejo o mundo*. Tradução H. P. de Almeida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
PEDERSEN, Susan. *The guardians: the league of nations and the crisis of empire*. New York: Oxford University Press, 2015.
REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo do front*. Tradução Helen Rumjaneck. Porto Alegre: L&PM, 2004. (Originalmente publicado em alemão no ano de 1929).
RUSSEL, Bertrand. *Por que os homens vão à guerra*. Tradução Renato Prelorentzou. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
ZWEIG, Stefan. *A unidade espiritual do mundo: um grito pela paz no Brasil*. Tradução Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Casa Stefan Zweig, 2017.
WITKOP, Philipp (org.). *German students' war letters*. Translated and arranged from the original edition of Dr. Philipp Witkop [by] A. F. Wedd. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2002. (Originally published: [London]: Methuen, 1929).

39 As repercussões da Grande Guerra (1914-1918) no Brasil são abordadas em: COMPAGON, Olivier. *O adeus à Europa: a América Latina e Grande Guerra (Argentina e Brasil, 1914-1939)*. Tradução Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014.
DORATIOTO, Francisco. “O Brasil no mundo: idealismos, novos paradigmas e voluntarismo” In: SCHWARZ, Lilia Moritz (coord.). *História do Brasil-Nação (1808-2010): a abertura para o mundo (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2012, p. 133-171. Vol.3.

40 Nesse período, Cecília Meireles e seu marido, Fernando Correia Dias, envolveram-se com o grupo intelectual da revista “Festa” (RJ). Em um dos editoriais, Tasso da Oliveira, nome-chave do periódico, ao lado de Andrade Murici, explanava que os participantes reunidos em torno desse empreendimento “[...] consideram a realidade brasileira integrada na realidade universal, coparticipando dessa perene permuta de forças interiores entre os povos, que faz a complexa grandeza do mundo de nossos dias.” (OLIVEIRA, Tasso de. *Apud*: DAMASCENO, Darcy. “Poesia do sensível e do imaginário. Notícia biográfica. Bibliografia” In: MEIRELES, Cecília. *Flor de poemas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972, p. 9). Registre-se, em todo caso, que, ao longo de sua trajetória literária, Cecília Meireles não assumiu nenhum compromisso doutrinário com quaisquer grupos ou vertentes. Para uma discussão a respeito das ideias de universalismo, de internacionalismo e de cosmopolitismo, conferir: BOBBIO, Norberto. *O problema da guerra e as vias da paz*. Tradução Álvaro Lorençini. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
KANT, Immanuel. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Tradução Artur Mourão. Edições 70: Lisboa, 2013.
_____. *Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*. Tradução Rodrigo Naves; Ricardo R. Teira. 3ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
NOGUEIRA, João Pontes & MESSARI, Nizar. *Teoria das relações internacionais: correntes e debates*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

Que o teu olhar, estando em toda parte,
Te ponha em tudo.
Como Deus⁴¹.

Aqui, a visão de patriotismo, mais complexa do que a suposta uniformidade intestina, hasteada por outros intérpretes, encontrava respaldo na visão política de Mohandas K. Gandhi, notoriamente uma das figuras públicas que mais exerceu influência sobre a visão de mundo cecilianista⁴². Nas palavras do líder indiano, contemporâneo de Cecília Meireles:

My patriotism is not an exclusive thing. It is all-embracing and I should reject that patriotism which sought to mount upon the distress or exploitation of other nationalities. The conception of my patriotism is nothing if it is not always, in every case without exception, consistent with the broadest good of humanity at large⁴³.

Com uma entonação política semelhante, embora em gênero literário diverso, a autora comentou como os registros das cartas de estudantes mortos na Grande Guerra mostram

um exército de meninos partindo para um horror que ainda não conhecem, mas instintivamente detestam, e deixando atrás de si duas solicitações contraditórias: o aconchego materno, que os prende à vida [...]; e a *adoração patriótica, o exagero do preconceito cívico, o fanatismo da nacionalidade, que, infiltrados pelo Estado através da ação educativa*, criaram um dever fantástico, anti-humano, sobrepondo à vida verdadeira a máscara de outra vida convencional⁴⁴.

Nesse texto, publicado em 29 de junho de 1932, junto ao periódico carioca "Diário de Notícias", assim como no "Cântico I" e na ponderação de Gandhi, os afetos provocados por determinado patriotismo-nacionalismo são combatidos. Mais do que no poema, na crônica a crítica mostra-se direta e incisiva, identificando no "Estado" uma imagem "fria", enquanto instância controladora de uma ação educativa inculcada *por* e inculcadora *de* preconceitos.

Identificados em sua variante intransigente, entendidos como ferramentas de difusão de ódio e de guerra, aqueles vocábulos novamente emergem e são movidos, ainda que para refutar o que representam. Contudo, o sentimento patriótico-nacional não seria excluído pela ideia internacionalista-cosmopolita de humanidade. No início de 1935, ao voltar de uma viagem feita a Portugal e constatar a ocorrência de ataques políticos feitos contra Anísio Teixeira e a Escola Nova, no Rio de Janeiro, Cecília Meireles escreveu uma carta ao educador Fernando de Azevedo, em que relatava:

41 MEIRELES, *op. cit.*, p.121, Vol. 1.

42 Sobre essa influência, ver: ALVES, Daniela Utescher. *A crônica de Cecília Meireles: uma viagem pela ponte de vidro do arco-íris*. 188 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, São Paulo, 2012. OLIVEIRA, Gisele Pereira de. *Cecília Meireles e a Índia: das provisórias arquiteturas ao "êxtase longo de ilusão nenhuma"*. 233 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, São Paulo, 2014.

43 Esse raciocínio do "Mahatma" data de 04 de abril de 1929. GANDHI, Mohandas K. *The Mind of Mahatma Gandhi: Encyclopedia of Gandhi's Thoughts*. Compiled & Edited by: R. K. Prabhu & U. R. Rao. Ahmedabad (Índia): Desai & Mudranalaya, 1966, p. 38-39. Disponível em www.mkgandhi.org Acesso em 20 jan. 2017. Em tradução livre: "Meu patriotismo não é uma coisa exclusiva. É abrangente e repudiaria esse patriotismo que procurou se erguer sobre a angústia ou a exploração de outras nacionalidades. A concepção do meu patriotismo não é nada se não for sempre, em todos os casos sem exceção, consistente com o bem mais amplo da humanidade em geral."

44 MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. Apresentação e planejamento editorial de Leogedário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.261-262. Vol. 4. Grifo meu.

Chego, piso em terras e logo o tédio do mundo se põe a nublar-me. Encontro o Brasil desvairado, sem sentido, num tumulto que não entendo. Que tristeza, ter pátria! E eu que, malgrado todos os intuitos estoicos, tinha chegado a sentir uma ternura saudosa por esta terra e esta gente!⁴⁵

As noções de “pátria”, de “terra”, de “gente”, aqui, voltam a plasmar acepções positivas e a explicitar laços afetivos, que escapam ao pleno controle de seus partícipes, pois sentidos como elementos constitutivos do próprio sujeito. Esse último aspecto, parece se aproximar do “ser” ressaltado por Mário de Andrade. Elaborada anos antes, a admoestação “Não queiras ter Pátria”, de certa forma, encontrava resistência na própria autora, cujo empenho “estoico” em não sofrer por “esta terra” e “esta gente”, havia malogrado. Logo, a “tristeza” não se referiria ao fato de se ter uma pátria em si, mas ao de que essa pátria, porque amada, despertaria o anseio - não atendido, em dadas circunstâncias - de que aquela comunidade de sentido seguisse por outros caminhos. Caminhos estes adequados ao que a autora julgaria como desejável.

Considerações Finais

As observações de Cecília Meireles retomam o “afeto das palavras” e ajudam a historicizar a semântica e o uso de tais vocábulos, somando-se aos indícios despontados nos versos de Fernando Pessoa e de Mário de Andrade. Em um tempo em comum – as primeiras décadas do século XX – em espaços distintos – Lisboa, São Paulo, Rio de Janeiro – foram diagnosticadas diferentes apropriações de palavras idênticas ou análogas, com ênfases também sortidas.

Atentando-se para o tipo de linguagem empregada, é verificado que os discursos poéticos incorporaram em sua estrutura um maior arrebatamento ao abordarem a ideia de “pátria” – associada à “poética da política”⁴⁶. Já em outras formas de escrita – a “nota biográfica” de Fernando Pessoa, as narrativas de viagem de Mário de Andrade, e a crônica de Cecília Meireles – os termos “pátria”, “nação”, “Estado” e seus correlatos, emergem como experiências e expectativas, mediatizadas por um declarado raciocínio crítico, revelando mais claramente os entrecosques das leituras de pátria-nação. Com efeito, através de diferentes recursos linguísticos, todas essas manifestações apresentaram em comum um processo de subjetivação e de objetivação intersubjetiva de mundo⁴⁷, não passando incólume pelas vicissitudes de seus tempos e espaços, imiscuindo-se no anseio de fazer prevalecer uma ou outra significação. Tal como as pessoas que as engendraram, essas falas foram concebidas como determinadas pela e determinantes da história.

O presente exercício de investigação procurou ter em vista a ponderação de Fernando Catroga, segundo a qual “aconselha-se a epistemologia do historiador a estar em sintonia com a própria operação historiográfica e não ser uma espécie de *prova póstuma da sua consciência teórica*”⁴⁸. Nesse sentido, ao se perguntar sobre os significados das noções de

45 MEIRELES, Cecília. *Apud*: VIDAL, Diana Gonçalves. “Da sonhadora para o arquiteto: Cecília Meireles escreve a Fernando de Azevedo (1931-1938)” In: NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). *Cecília Meireles: a Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC RJ; Loyola, 2001, p.98. Grifo meu.

46 A definição é de Edward Wilmot Blyden (1832 - 1912), educador, escritor, diplomata, político liberiano. Citado em CATROGA, *op. cit.*, p.10.

47 BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Tradução Floriano de Souza Fernandes. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. JASPERS, Karl. *Iniciação filosófica*. Tradução Manuela Pinto dos Santos. Lisboa: Guimaraes Editores, 1987. ROSANVALLON, *op. cit.*

48 CATROGA, *op. cit.*, 2009, p.107. Grifo original.

pátria, de nação e de Estado foram consideradas tanto a dimensão conceitual historiográfica do presente quanto as ideias e as interpretações contemporâneas do passado em pauta. Com tal movimento dialético, buscou-se pensar sobre a história da historiografia a partir da empiria e discutir a empiria à luz da epistemologia historiográfica. Como resultado, logrou-se a realização de um trabalho de pesquisa, revelador da historicidade das palavras, dos conceitos e dos agentes históricos que as manejaram no passado e no presente.